

A ESCOLA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

¹ Prof. José Carlos Gonçalves

² Prof. Nílvio Ourives dos Santos

³ Prof. Reinaldo Ribeiro de Castro Jr.

RESUMO

O presente artigo provoca a reflexão acerca dos significados de linguagem, propostos por Platão, para que, com eles, possamos adentrar aos (des)caminhos do verdadeiro papel da escola na formação do leitor, analisando, de forma crítica, a normatividade oficial, gerando, a posteriori, uma discussão acerca da questão do livro didático, que possibilitará o repensar dos níveis de linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Escola; Formação do Leitor.

ABSTRACT

The present article provokes the reflection concerning the language meanings, proposed by Plato, so that, with them, we can penetrate to the (un) roads of the true paper of the school in the reader's formation, analyzing, in a critical way, the official normativity, generating, a posteriori, a discussion concerning the subject of the class book, that will make possible rethinking of the language levels.

KEY WORDS: Language; School; Reader's formation

INTRODUÇÃO

Percorrer com a vista o que está escrito, proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as, pronunciar em voz alta, recitar (o que está escrito), decifrar ou interpretar o sentido, reconhecer, perceber, decifrar, adivinhar, predizer, são alguns dos significados, que encontramos no dicionário para o verbo **ler**.

Através da nossa experiência diária, podemos constatar, e confirmar, pelo dicionário, que a leitura é uma ação, um ato. Essa ação exige, no mínimo, a participação dos nossos olhos, da **visão**, apesar de também envolver outros de nossos sentidos. Na prática,

não se lê apenas a coisa escrita; mesmo antes da leitura de um texto, de um livro, ou de outro material escrito, nós lemos o mundo que nos rodeia. Quando vemos, percebemos, reconhecemos, deciframos e interpretamos as ações e os fatos que ocorrem ao nosso redor, estamos fazendo leitura.

FREGONEZI, (1999, p. 37) afirma que: "... De fato, a leitura é uma atividade essencial na vida do homem de nosso século. É através dela que se obtêm informações, que se entra em contacto com as novas descobertas, que se aprende a regular os comportamentos do homem em seu convívio social... Enfim, se fôssemos enumerar todos os momentos de nossa vida em que a leitura se faz presente, não haveria, certamente, espaço suficiente."

Dada a importância do **ato de ler**, o presente artigo procura levantar alguns aspectos relacionados à leitura, que tem preocupado, desde o mais modesto professor até estudiosos renomados: o ensino da leitura. Serão abordados aspectos referentes à aquisição dos códigos de leitura e escrita, (a formação do leitor), à linguagem, às normas curriculares e aos livros didáticos.

De acordo com FREGONEZI, (1999, p. 37) "... especialistas de pedagogia, psicólogos, filósofos, além de linguistas, é claro, que se debruçam para discutir tópicos relacionados a esse tipo de atividade que envolve a linguagem. São interessados ora em despertar o gosto pela leitura, ora em descobrir os aspectos cognitivos envolvidos pela atividade de ler, ora ainda, estão voltados para as finalidades da leitura no mundo contemporâneo."

1. O papel da escola na formação do leitor

Já no século IV a. C., Platão afirmava que a linguagem é **pharmakon**, palavra grega, que traduzida para o português, significa **remédio, cosmético e**

¹ Professor Especialista em Letras – Língua Portuguesa e Literatura Brasileira – FAFIPA/INBRAPE.

² Professor Mestre em Letras – PUCRS – Coordenador do Curso de Especialização em Língua Portuguesa – métodos e técnicas em produção de texto – UNIPAR – SEDE.

³ Professor Mestre em Educação – UNG – Guarulhos/SP. Docente da UNIPAR – SEDE.

veneno. Por essa importância, o domínio da palavra sempre foi associado ao poder e a difusão da leitura e da escrita.

Historicamente, o uso da linguagem atrelada ao poder, deu superioridade ao homem. Na sua evolução, ele desenvolveu a capacidade de simbolização e criou um sistema para transmitir conhecimentos; assim, surgiram os diferentes tipos de linguagem: primeiramente, o desenho, depois as letras (alfabeto) e, finalmente, a escrita. Dentre as diversas formas de linguagem, a escrita é a mais sutil porque torna possível a leitura da memória cultural de construção de conhecimentos: nas obras literárias, científicas, filosóficas, enfim, toda ação resultante das relações que o homem estabelece com a natureza.

Tomando como correta a afirmação de que a linguagem é remédio, cosmético e veneno, podemos conceber que a leitura presta-se a pelo menos três funções básicas na vida da nossa sociedade: é fonte de prazer, é geradora de conhecimento, é estímulo para a ação. Em uma sociedade, quanto maior a capacidade de leitura de seus membros, maior será o seu grau de avanço e de desenvolvimento.

Sabendo que a capacidade de leitura-escrita representa um perigo, a sociedade ocidental tem dificultado a difusão da alfabetização. Desde a antiguidade, a classe dominante tem propagado a idéia da superioridade social através da leitura, e transformado seus padrões de comportamento em modelos desejáveis por todas as pessoas. Como a leitura está, há muito tempo, vinculada à escola, os materiais de leitura tornaram-se produtos destinados quase que exclusivamente a classe letrada, transformando-se num eficiente instrumento ideológico, pois, através dela instruem-se corações e mentes; a memória do passado, descoberta no escrito, permite ler o presente e projetar o futuro.

A escola moderna assumiu a escolarização como uma necessidade a ser encampada pelo Estado e difundida a outras classes sociais; assim, fez com que a atividade de ler ganhasse aspecto pedagógico e passasse a fazer parte do trinômio indissolúvel leitura-escola-alfabetização.

LAJOLO & ZILBERMAN, (1991), diz que: "Essa mudança – que foi de ordem institucional – efetivou a definição do caráter social da leitura, mas ela se manifesta, de fato, no reforço dos vínculos da leitura com o ensino ao associar-se à educação. Ao formar leitores e, portanto, torná-los aptos para o consumo de materiais de leitura, a escola alimenta o mercado e gera produtos culturais que circulam não só durante a fase de escolarização como também depois dela, assegurando seus efeitos ao longo do tempo".

Ao mesmo tempo em que é o espaço de institucionalização da leitura, a escola funciona como

instância de julgamento e de valoração de textos, pois seleciona os materiais que considera positivos e descarta aqueles considerados negativos; assim, valoriza ou degrada esses materiais de acordo com uma estética difusa e centrada na linguagem escrita.

2. Análise crítica das normas oficiais

Apesar das novas propostas e da metodologia fixada pelos PCNs, proporem a participação construtiva do aluno no processo de aprendizagem, a necessidade de interação do professor para a aprendizagem dos conteúdos específicos, além do entendimento de como os alunos desenvolvem seu raciocínio, na prática verifica-se que o ensino ainda trilha rumos incertos.

O ensino continua embasado em orientações técnicas e se preocupa em operacionalizar objetivos e pressupostos difíceis e estanques. Acabam por propor, na realidade, a aquisição de comportamento de língua e pensamento que excluem o sujeito ativo e a concretização da comunicação, além de tornar trivial as diferenças lingüísticas, estéticas e sociais, quando impõem conceitos abstratos e misteriosos, longe da realidade do aluno e professor.

Há, também, uma manipulação tecnocrata que procura impor um comportamento cultural que agrade o sistema produtivo. Procuram motivar a leitura sem discutir e considerar que nem todos têm acesso à cultura, além disso, não explicitam quais os objetivos, os modos, os métodos e objetos são necessários para alcançar o aprendizado. Essa imposição faz do aluno um reprodutor passivo frente ao texto, já que trabalha com aspectos estáticos da literatura, e direciona a leitura para livros e textos pré-encomendados.

A prática da leitura pressupõe a interação homem/mundo através de uma relação dialógica entre leitor e texto, mediada pelas condições de produção, edição, difusão, seleção e utilização desses textos.

De acordo com GREGOLIN, (1997, p. 56), as sociedades históricas fortaleceram, com a escrita, o seu poder de conservar a memória do passado. Antes fundada em linguagens pictóricas e interiorizada pelo indivíduo, com a escrita a memória humana socializou-se e se inscreveu no exterior, na pedra, no pergaminho, no papel, no *chip* de computadores. Esses diferentes suportes de textos exigiram diferentes tipos de leitura e a atividade de ler constituiu-se em um complexo processo de compreensão das distintas mensagens que circulam no meio histórico-social.

Na nova metodologia difundida pelos PCNs, a condição extra e intratextuais – a totalidade do texto – não é totalmente considerada e a leitura assume finalidades imediatistas e utilitárias – ler para fazer exercícios de interpretação, estudar itens de conteúdos, adquirir modelos de escrita. Despreza-se a utilização do

texto enquanto obra de linguagem.

Sabemos que para ler e escrever é necessário, antes, ser alfabetizado, tarefa que cabe historicamente à escola. Ao analisarmos as estatísticas, que apontam o número de analfabetos, de alunos que estão fora da escola, de alunos repetentes excluídos ao longo do primeiro grau, de professores leigos, encontrados no Brasil, aliando a esses dados os fatores sociais e econômicos – 70% dos brasileiros se encontram em estado de extrema pobreza material – podemos concluir que a escola não tem cumprido satisfatoriamente o seu papel.

Ainda hoje, em alguns Estados brasileiros, crianças de classes sociais mais baixas, que freqüentam a escola pública, têm dificuldades no aprendizado da técnica de escrita e leitura. Isso ocorre em função do pouco contato anterior com o material impresso e pelas condições da família e de seu grupo social. Dessa forma, fica muito mais difícil aprender um registro lingüístico – a norma culta urbana – que, apesar de ser uma abstração, é imposta como padrão, para julgar errado ou inconveniente o modo de falar dessas crianças.

Os métodos de ensino, na prática, continuam desconsiderando o contexto real e social dos alunos, principalmente no que concerne ao livro didático, que é descartável e concebido unilateralmente, de modo a não privilegiar os conteúdos, mas sim o consumo dos mesmos.

3. O livro didático: usá-lo ou não?

Deparamo-nos, dia-a-dia, com um aumento na produção editorial brasileira, provocado, principalmente, pelo aumento da publicação de livros didáticos e paradidáticos, que são produzidos em série e a baixo custo. Levando-se em conta também a má qualificação/formação de parte dos professores, pode-se verificar que a adoção de livros acaba por ser ditada apenas por catálogos de editoras, que trazem fichas de leitura para os alunos e respostas prontas no exemplar gratuito do professor.

Conforme FREGONEZI, (in GREGOLIN & LEONEL, 1997, p. 128-9), “O Governo compra das Editoras os livros e os coloca à disposição de todos os alunos. As Editoras sedentas de lucros fazem “lobbies” junto ao governo, forçando a impressão de seus livros, muitas vezes de qualidade duvidosa. Os livros didáticos, como se apresentam hoje, começaram a surgir com a expansão quantitativa da rede escolar, com a chamada democratização do ensino. A expansão da rede escolar provocou a demanda de professores. O aumento do mercado de trabalho nessa área fez com que se multiplicassem os cursos de Letras – específicos para a formação de docentes de Língua Portuguesa. Aumento quantitativo não acompanhado de qualificação correspondente.”

Sabemos que a invenção da escrita permitiu a extensão da memória e a legibilidade da História e, é por isso que, modernamente, a criação da memória virtual eleva em muito essa capacidade de preservação do conhecimento, não apenas em termos de quantidade mas, sobremaneira, de natureza.

4. Os níveis de leitura e os materiais escritos

Na vida social moderna os textos são heterogêneos e ganham, cada vez mais, distinção; a memória cultural não está depositada e salva apenas nos materiais escritos, ao contrário, encontra-se nas várias formas da mídia e, manipulada pelos seus veículos, sujeita a memória social ao simbólico.

A leitura desses textos heterogêneos requer que o leitor passe do verbal ao não-verbal, da palavra à imagem, e seja capaz de ler os entrecruzamentos de sentidos criados pela organização de diferentes sistemas semióticos.

Para interpretar esses diferentes planos de leitura, o leitor tem que reconhecer estratégias de composição que estão em diferentes níveis de produção de sentido como o nível textual e o nível discursivo. O leitor somente conseguirá captar esses dois planos se reconhecer a contextualização desses dois níveis em práticas sociais.

GREGOLIN, (*op. cit.* p. 65) diz que a criação do hábito e do amor à leitura deve ser uma preocupação constante de pais e educadores. Ninguém pode desconhecer a importância da leitura na vida de uma pessoa. Se todo texto pressupõe o contato entre os sentidos construídos e um leitor capaz de reconhecê-los, é preciso instrumentalizar o olhar do aluno a fim de que ele possa interpretar a heterogeneidade dos textos e ler os diferentes planos da dialogia textual. Se não for colocado diante desse desafio, sua leitura será sempre superficial, denotativa, e a atividade de interpretação será, para esse indivíduo, um instrumento social de exclusão.

CONCLUSÃO

Voltando à interpretação dada há milênios por Platão, podemos concluir que, de fato, a linguagem tem o poder de **remédio**, uma vez que pode curar o analfabetismo, a ignorância, além de dar alento àqueles que a dominam; tem, também, o poder de **cosmético**, pois pode embelezar o mundo através da literatura, da poesia, que trazem à alma êxtase e alento, exacerbando os sentimentos de forma sublime; tem, ainda, o poder de **veneno**, uma vez que, mal usada, pode iludir, subjugar, julgar, excluir, aniquilar as pessoas.

Se a linguagem tem todo esse poder, todo aquele

que conseguir dominar suas nuances, ler (praticar a leitura), interpretar, inferir a linguagem escrita, certamente estará imune a muitos dos males que assolam as sociedades modernas, conseguirá maravilhar-se com o cantar da natureza, do amor, dos fatos do mundo; além disso, terá o antídoto para a submissão e para as diversas formas de exploração dialética existentes. Enfim, terá pleno domínio sobre si mesmo e sobre outrem, podendo determinar seus próprios rumos e colaborar para a melhoria do seu habitat.

Com base nos apontamentos expostos nesse artigo, podemos concluir, também, que a escola tem a obrigação de deslocar seu foco para textos heterogêneos, para a riqueza dos textos figurativos, e colocá-los dentro das salas, nas aulas de leitura, se pretende, de fato, formar leitores preparados para a comunicação social; um leitor capaz de ler o presente, de resgatar o passado e projetar o futuro, por meio da complexidade de textos que circulam no meio social moderno em que vive.

BIBLIOGRAFIA

- BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. **Novo Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREGONEZI, Durvali Emílio. **Elementos de ensino de língua portuguesa**. 2ª. ed. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.
- . **Livro didático de língua portuguesa: liberdade ou opressão?**. In: GREGOLIN, M.R.V. & LEONEL, M.C.M. (org). **O que quer o que pode esta língua? Brasil/Portugal: o ensino de língua portuguesa e de suas literaturas**. Araraquara, SP: Cursos de Pós-Graduação em Letras, FCL-UNESP-Ar, 1997.
- GREGOLIN, Maria do Rosário V. **Lendo a figuratividade da mídia na escola: formando o leitor plural**. In: GREGOLIN & LEONEL (org). **O que quer o que pode esta língua? Brasil/Portugal: o ensino de língua portuguesa e de suas literaturas**. Araraquara, SP: Cursos de pós-Graduação em Letras, FCL-UNESP-Ar. 1997.
- LAJOLO, M., ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Ática, 1991.
- MAGNANI, Maria do Rosário. **Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**, SEF, Brasília, 1996.

Recebido em: 10/07/2002

Aceito em: 18/11/2002